

Pichações: memórias fugazes

*Ana Lúcia Guaragna Borges**
*Amadeu de Oliveira Weinmann***

RESUMO

Este artigo procura pensar nas pichações, a partir de uma psicanálise implicada nos fenômenos sociais contemporâneos. Nossa aposta é que as pichações, efêmeras tatuagens da cidade, nos podem auxiliar a pensar acerca da cultura. Se as pichações consistem em memórias fugazes de vozes não registradas nos arquivos históricos, mas que insistem em ecoar na cidade, propomos uma modalidade específica de escuta. Nessa escuta urbana, operamos com os conceitos de psicanálise implicada, escrita-pictórica e objeto *a*. É uma escuta que marca os enlaces entre sujeito e cultura, fruto de um encontro singular entre caminhante e cidade.

Palavras-chave: PSICANÁLISE; CIDADE; PICHACÕES; MEMÓRIA; ESCUTA URBANA.

Graffiti: fleeting memories

ABSTRACT

This article aims at reflecting on graffiti from the perspective of psychoanalysis concerning contemporary social phenomena. Our belief is that graffiti can help us think about culture. If graffiti consists of fleeting memories of voices not registered in the historical archives, but that insist on echoing in the city, we propose a specific listening modality. In this urban listening, we operate with the concepts of implicated psychoanalysis, pictorial-writing and object *a*. It's a kind of listening that marks the connection between subject and culture, result of a singular encounter between the pedestrian and the city.

Keywords: PSYCHOANALYSIS; CITY; GRAFFITI; MEMORY; URBAN LISTENING.

Pichaciones: memorias fugaces

RESUMEN

Este artículo intenta pensar las pichaciones desde un psicoanálisis implicado en los fenómenos sociales de la contemporaneidad. Nuestra propuesta es que las pichaciones nos pueden ayudar a pensar algo sobre la cultura. Si las pichaciones consisten en memorias fugaces de voces no registradas en los archivos históricos, pero que insisten en resonar en la ciudad, proponemos una modalidad específica de escucha. En esta escucha urbana, operamos con los conceptos de psicoanálisis implicado, escrita-pictórica y objeto *a*. Es una escucha que marca los enlaces entre sujeto y cultura, fruto de un encuentro único entre caminante y ciudad.

Palabras clave: PSICOANÁLISIS; CIUDAD; PICHACIÓN; MEMORIA; ESCUCHA URBANA.

Introdução

* Psicóloga, Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica, Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS)

E-mail: analuciaguaragna@gmail.com
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4667-4353>

** Professor do PPG em Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

E-mail: weinmann.amadeu@gmail.com
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4162-9660>

Este artigo é um recorte de uma dissertação que surgiu do desejo de operar com uma psicanálise implicada nos fenômenos sociais e nas demandas do contemporâneo. Como cenário de trabalho, escolhemos a cidade de Porto Alegre e as pichações como resíduos do tecido urbano, apostando que elas nos poderiam dizer algo acerca da cultura de nossa época. Em nosso percurso, vimo-nos imersos no problema das relações entre cidade e memória. Se, por um lado, as pichações parecem consistir em memórias fugazes de vozes silenciadas, por outro, em sua condição de imagens-texto que instigam, elas nos podem auxiliar a pensar no que arde no contemporâneo e aparece nos meandros da cartografia urbana. Ao longo dessas reflexões, elaboramos uma proposta de escuta psicanalítica da cidade, a partir do encontro com as pichações.

Cidades encantam e, desde muito, são causa de desejo daqueles que se aventuram por seus espaços e percebem que, na paisagem urbana, há mais para ser vivido e explorado do que os usuais caminhos do cotidiano. Cada um que se aventura nesse terreno acaba por ser instigado a criar certo método, ou técnica, para tentar apreender o que a cidade esconde em suas frestas. Temos como exemplo a clássica figura do *flâneur*, desenvolvida pelo poeta francês Charles Baudelaire, na Paris do século XIX, e posteriormente pelo filósofo Walter Benjamin, como aquele que encontraria, nos detalhes da cidade, a possibilidade de narrar as questões de seu tempo. Recentemente, tem-se trabalhado com a figura da *flâneuse*, para pensar na especificidade que concerne ao flunar e ser mulher no ambiente urbano.

Na década de 1960, temos os Situacionistas, grupo liderado por Guy Debord, que lutava contra a cultura espetacular, contra a alienação e a passividade da sociedade, ao promover técnicas de ação na cidade, como a deriva e a psicogeografia. Na área da antropologia, encontramos o método de observação flutuante, que consiste em um permanecer disponível para descobrir laços latentes entre os habitantes e os locais da cidade.

Conosco não foi diferente. Diante da polissemia da cidade, as pichações nos envolveram e nos instigaram a pensar. Certo dia, ao me deparar (enunciação da autora principal do artigo) com uma pichação em uma casa familiar, exclamei: “picharam, que horror!” Tal afetação me desacomodou. Fui lançada a formular a seguinte questão: o que as pichações, marcas na cidade, nos podem dizer acerca de nós como sujeitos, como cultura? Ademais, trabalhar na cidade com a psicanálise é algo que nos propõe uma série de interrogações: como o psicanalista, em sua condição de cidadão, opera na cidade? É possível uma escuta urbana? Como fazê-la?

Estas e outras questões nos acompanharão, ao longo deste artigo. Para acolhê-las, aproximarmos-nos-emos da temática da cidade em suas relações com a psicanálise. Nossa escuta para a cidade direciona-se a tomá-la como um lugar simbólico, ou seja, de linguagem. Espaço que contém, além de seus mapas formais, outras cartografias produzidas a partir do encontro com a alteridade, sendo as pichações uma delas. Tomaremos as pichações como uma



possibilidade de conhecer algo acerca das cidades, restos da cultura que, ao mesmo tempo que encontram resistência de uma parcela da população, a qual visa seu apagamento, resistem ao proliferar pelas cidades. Após um breve histórico dessas marcas na cidade e dos conflitos que as envolvem, discutiremos a rua como local de produção de cultura.

A partir do conflito presente na sociedade entre o apagamento e a resistência dessas marcas, abordaremos o problema da memória, interrogando se as pichações poderiam consistir em memórias fugazes de vozes não registradas em arquivos históricos, mas que insistem em ecoar, conforme trabalhado por Benjamin (1940/2012), em *Sobre o conceito de história*.

Após lançarmos nossa hipótese acerca das pichações em relação com a memória da cidade, proporemos um possível método de escuta urbana. Este método envolve a psicanálise implicada, tal como desenvolvida por Frayze-Pereira (2011), o conceito de escrita pictórica, como proposto por Freud (1900/2019) ao se referir aos sonhos, e o conceito de objeto *a*, conforme desenvolvido por Lacan (1964/2008). É importante sublinhar que o método de escuta urbana proposto por nós é singular, uma dentre tantas possibilidades, fruto de nosso encontro com a cidade.

Cidade e psicanálise

É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, a suas perspectivas enganosas, e todas as coisas escondam uma outra coisa (Calvino, 1990, p. 44).

Refletir sobre a cidade e suas tramas nos dias de hoje coloca-nos diante da necessidade de recuperar a sua história e origem. Mesmo que o ser humano habite o planeta há pelo menos meio milhão de anos, as cidades podem ser consideradas novas, tendo em vista que os primeiros registros de sua origem remetem há pouco mais de sete mil anos. As cidades surgem no período Neolítico e uma das compreensões sobre sua formação diz respeito à busca de proteção em relação aos predadores e às forças da natureza, assim como de guarida dos abastecimentos (Stucchi, et al., 2009). Com a prática agrícola, as relações dos seres humanos com o espaço sofreram uma mudança significativa. Os assentamentos permanentes ficaram mais complexos e passaram a abrigar também a população não agrícola, como sacerdotes, guerreiros, governantes, o que fez com que surgissem novos ofícios, como, por exemplo, os artesãos, além de fomentar o crescimento do comércio (Farinon, 2015).

A partir de então, a cada período as cidades sofreram transformações significativas, desde o que concerne às relações da sociedade com o espaço público, às habitações, na política, no comércio, entre tantas outras. No que se refere às nossas cidades atuais, as cidades contemporâneas, tivemos como transformações o aumento da velocidade na circulação, na informação e no comércio. Ademais, atualmente novas situações são criadas no meio urbano devido ao intenso aumento da população que vive nas cidades. Essa urbanização da humanidade implica em espaços demograficamente densos e na coexistência de diferentes realidades, o que caracteriza a riqueza da vida urbana contemporânea (Rocha e Eckert, 2003).

Dessa forma, a cidade é um enorme palco de acontecimentos a serem pensados e objeto de estudo de diversas áreas, desde arquitetura e urbanismo, história e até artes, antropologia e também psicanálise. Como podemos pensar nas aproximações entre psicanálise e cidade? E como o psicanalista, em sua condição de cidadão, opera na cidade? É possível uma escuta urbana? Fazemos a aposta de que, a partir do conceito de inconsciente, da escuta que se faz presente na relação com o outro, talvez possamos realizar algumas leituras da cidade. Ao longo deste artigo, discorreremos e aprofundaremos estas e outras interrogações.

Para Stucchi, et al. (2009), a psicanálise pode auxiliar a aprofundar o estudo das cidades no sentido de indicar que, para além das necessidades que motivaram a criação das cidades pelo ser humano, elas também são acompanhadas de uma organização simbólica como contraponto ao desamparo, compreendido não apenas no sentido da autoconservação. Nessa perspectiva, uma escuta da cidade abre-se para uma proliferação discursiva, com o intuito de pensar na complexidade da vida urbana contemporânea.

Freud (1930/2010), em *O mal-estar na civilização*, ao explorar o tema do sofrimento humano, refere que este possui três fontes: a fragilidade de nossos corpos, as ameaças da natureza e as relações com outros seres humanos. No que concerne a estas, seus vínculos seriam regulados pela família, pelo Estado e pela sociedade. Essa terceira fonte de sofrimento seja talvez a que experimentamos mais dolorosamente e Freud tenta compreender como que as instituições criadas por nós fracassam em evitar o mal-estar. No percurso de seu pensamento, o autor chega à suspeita de que tal fracasso decorre de uma parcela da natureza indomável da constituição psíquica de todos nós. Na cultura, há forças opostas que atuam em conjunto, a pulsão de vida (Eros), responsável pela formação dos laços sociais, e a pulsão de morte (Tânatos) que, quando não imbricada a Eros, trabalha no sentido da dissolução do laço – e, portanto, do retorno à barbárie. Podemos pensar que, para que o humano sustente o pacto gerador da cultura, é necessária uma força psíquica no sentido de uma contínua construção da *pólis*.

Como contraponto às dificuldades inerentes à humanidade, Stucchi, et al. (2009) referem que, apesar de nas cidades circular a violência e a indiferença, o meio urbano também seria um lugar onde podem surgir estratégias espontâneas de encontros. Possibilidade de resistência ao não reconhecimento do outro, lugares de troca de singularidades. Nesse sentido, apesar dos paradoxos urbanos dominarem a cena atual nem tudo é sombrio. Vivenciamos uma época, que teve início com a Modernidade, tema das observações de Charles Baudelaire, de Walter Benjamin e tantos outros *flâneurs*, onde os passos apressados esbarram uns nos outros, mas onde sempre também é possível uma demora.

Para Tanis (2009), nas grandes cidades da América Latina, é possível observar as mais variadas formas de afirmação de existência, movimentos sociais, iniciativas comunitárias, atividades artísticas, manifestações de Eros que convocam à proliferação do laço social. Para além disso, percebe-se, ao longo da história, a insistência de diversos movimentos urbanísticos e artísticos na criação de atividades onde o encontro com a alteridade possa emergir. Onde podemos encontrar Eros nas cidades contemporâneas? Além disso, como é a dança atual de Eros e Tânatos nos palcos das cidades?

Como uma pista inicial, podemos pensar que, para abarcar estas questões, precisamos nos relacionar com a cidade a partir do que ela apresenta em suas brechas, em outra cartografia que não a do mapa oficial. Alguns autores operam por essa via em suas pesquisas, como, por exemplo, Costa (2020), que nos diz que, se, por um lado, em uma perspectiva urbanística formal, o espaço urbano é considerado um espaço submetido a cálculos, por outro, pode ser considerado como um sítio de significações que demanda interpretações. Um espaço simbólico, de sujeitos e significantes, no qual o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade.

Canevacci (2005) compreende que a cidade se movimenta de maneira irrequieta e se comunica, freneticamente, o que nos sensibiliza a percebê-la também como um corpo em constante transformação; tatuado, riscado, mutilado, sofrendo todas as mutações possíveis. Além disso, é no urbano que transitam os conteúdos subjetivos e as consequências das mudanças na sociedade. Assim como a geografia da alma humana, a geografia da cidade é múltipla, sedutora, enigmática e, por vezes, assustadora (Tanis, 2009).

As pichações

Nessa perspectiva, a cidade pode ser considerada como um lugar que, tal como um sintoma, contém um saber. Como escutar essa cidade entre cidades, a geografia da alma urbana? Diante da polissemia do termo “cidade” e da “diver-cidade” que se apresenta nas ruas, as pichações nos capturaram na aposta de que elas poderiam conter algum saber sobre o urbano e, conseqüentemente, acerca da cultura na qual estamos inseridos. São produções culturais contemporâneas que instigam, impactam e desacomodam. Encontram resistência por parte de uma parcela da sociedade e das mídias, que as condenam e buscam o seu apagamento. Contudo, são marcas que resistem. Tal dimensão conflituosa das pichações nos instiga a pensar e a entendemos como uma potente ferramenta para nos aproximarmos da cidade *entre* cidades.

Para apreender aspectos da experiência humana nas grandes metrópoles, Rocha e Eckert (2003) sugerem que o objeto de estudo sejam os retalhos, os resíduos secundários ou excêntricos, tal como o recolhido pelo *flâneur*. No século XIX, estes restos seriam a moda, o jogo, o colecionador, a prostituição, as passagens, a fotografia, as ruas, entre outros. Neste artigo, tomaremos as pichações como esses resíduos na cidade que talvez nos permitam dizer algo sobre nós. Trabalhar com as questões da cultura é estar diante do que arde em outras cenas da cidade que achávamos que conhecíamos. É estar diante de um ofício de laços (termo cunhado por Rodríguez, 2016), ou seja, fazer uma trama, reconfigurar algo que permita tecer um laço com o mundo dos dejetos.

Nesse sentido, a escuta do que é resíduo na cidade não é isenta de estranhamento, pois podemos descobrir algo que nos é familiar, que talvez desejássemos que permanecesse em silêncio. Essa escuta exige de nós um esforço libidinal de ruptura do narcisismo para que possamos nos encarar e, assim, conhecer outra cidade dentro da cidade. Rocha e Eckert (2003) sugerem que possamos nos aproximar de uma compreensão de mundo contemporâneo que se apoie no caos, na não-linearidade, na desordem, na turbulência como uma via de acesso à compreensão da sociedade humana. Sintoma, restos, caos; vamos começar nosso ofício de laços com as “estranhas” pichações. Vejamos um breve resgate da história das produções visuais urbanas, com foco nas pichações.

Com as transformações mundiais que se desenrolaram a partir da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, a partir dos acontecimentos do final dos anos 1960, questões como movimento e velocidade refletiram nas linguagens da arte urbana. Surgiram expressões artísticas relacionadas às intervenções visuais das grandes metrópoles, que inicialmente possuíam um caráter *underground*, mas, com o tempo, foram ganhando forma e se estruturando em grafismos ricos em detalhes, como os grafites, que consistem tanto em desenhos quanto em escritos, os estênceis, que consistem em moldes vazados em papel para aplicação com tinta spray, os *stickers*, adesivos produzidos artesanalmente, e os lambe-lambe, cartazes colados com cola de farinha. A industrialização, impulsionada em períodos de guerra, criou novas técnicas e novos produtos, dentre eles perfumes, desodorantes e tintas em spray, o que contribuiu para a velocidade e a liberdade dos movimentos (Githay, 1999).

No Brasil, o início das pichações ocorreu com o emblemático “Abaixo a ditadura”. Tratava-se de inscrições simples de manifestações políticas e versos poéticos, pois demandavam agilidade para fugir da repressão policial. Esse movimento de pichação com conteúdo político iniciou na década de 1960 e teve como influência o movimento estudantil de maio de 68 na França. A partir de 1980, as inscrições brasileiras do meio urbano sofreram as influências do punk, heavy metal, hip hop, de skatistas e, principalmente, da cena nova-iorquina (Queiroz, 2018). Portanto, as escritas urbanas no Brasil começaram com inscrições legíveis, como as frases de protesto e declarações de amor, para posteriormente anexar à cena urbana o que se chama de pixações¹, com “x”, que se refere a inscrições que se repetem em

distintos lugares da cidade, utilizando o spray e os rolos de espuma como ferramentas e uma grafia inteligível apenas pelos integrantes do movimento.

O “picho-reto”, com letras características da pichação, preenchidas com tinta à base de rolos, passou a receber de seus autores alguns adornos, maior quantidade de cores e efeitos, surgindo assim o “grapicho”, um misto de grafite e pichação. Segundo alguns grafiteiros entrevistados na pesquisa de Silva (2010), essa “mistura” desenvolveu-se exclusivamente no Brasil e um dos fatores para seu surgimento foi o alto preço das tintas sprays e a inexperiência da fase inicial de seus autores.

Atualmente, encontram-se em diversas cidades contemporâneas muitas formas de grafismo, manifestações políticas são mantidas assim como as *tags*, como são chamadas as assinaturas de pichadores e/ou de seus grupos. São inscrições que se repetem e são compreendidas quase que exclusivamente por quem compartilha do mesmo código. Mesmo que algumas dessas inscrições sejam ininteligíveis para muitos, estar na rua permite encontrar e escutar essa outra cidade entre cidades, que se materializa nas pichações.

A rua e seus conflitos

De acordo com Tavares (2010), a potência das pichações está no confronto entre o espaço urbano e o espaço subjetivo de seus habitantes. Tal encontro ocorre no cotidiano, sendo impossível reproduzir-se dentro do museu ou da galeria. Para pensar nas pichações torna-se crucial, portanto, realizar algumas formulações sobre esse local da vida cotidiana, a rua.

Para a psicanalista Miriam Chnaiderman (2003), a rua é um espaço de trabalho e deveríamos mudar a nossa concepção do que ela é. A autora diverge do que encontramos anteriormente no pensamento de Tanis (2009), pois, no mundo contemporâneo, a rua teria deixado de ser um espaço público, local de encontro com o outro. Ao se referir à conduta da burguesia e da prefeitura de São Paulo em relação aos moradores de rua, a psicanalista discorre sobre o objetivo de tornar a paisagem urbana mais palatável para aqueles que supostamente sabem o que é “viver bem”, transformando a rua em um sonho da burguesia, onde as diferenças são significativamente eliminadas.

Nessa perspectiva, a autora nos convoca a pensar nas pichações também por essa via. Encontram-se nas notícias as empreitadas para apagar essas inscrições. Em Porto Alegre, diversos veículos de comunicação condenam os chamados “vandalismos”. De acordo com a vereadora Mônica Leal, o assunto das pichações poder ser definido da seguinte maneira: “estamos perdendo nossa memória e nossa história por causa da pichação. Esse é um assunto urgente, muito importante, e merece ser visto como utilidade pública” (GaúchaZH, 2017). Para a vereadora, a memória de Porto Alegre é perdida por conta da pichação. Será?

A partir do que foi exposto até o momento, neste encontro na rua, entre pichações e transeuntes, nos encaminhamos a pensar no estranho (*unheimliche*) desenvolvido por Freud (1919/1996). Em *O estranho*, o psicanalista observa que o sentimento de estranheza ou inquietação constitui uma das características típicas do retorno do reprimido. A partir de uma análise etimológica, Freud propõe que *unheimlich* seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas veio à luz. O estranho relaciona-se com o que causa angústia e terror não por ser desconhecido, mas por ser aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao há muito conhecido, ao familiar.

Sobre os perigos da rua, Zygoris (2013) nos traz a perspectiva de que a rua é uma metáfora onde se mistura o sexual e o político, há uma desordem onde as pulsões são solicitadas. É passagem obrigatória entre a vida privada e o mundo exterior; nesse sentido, a rua é perigosa. É um lugar do coletivo, onde outros saberes circulam. É um dos lugares do estranho, de estranhos, e também lugar de linguagem, do simbólico a que é possível ter acesso

por meio das formas urbanas de expressão. Ao não recalcar o estranho e o estrangeiro, mas ser capaz de acolhê-lo na sua estranheza, este lugar de perigo torna-se lugar de aprendizado.

É evidente a resistência em acolher essas marcas na cidade, sendo constante o trabalho de limpeza e apagamento. Ao mesmo tempo, tais marcas se multiplicam, intensamente. Para além de arte ou vandalismo, as pichações são uma obra da cultura. É possível limpar uma cidade? O que se limpa nesse limpar? A seguir, a partir da frase disparadora da vereadora Mônica Leal e dos conflitos presentes nessa temática, propomos ampliar a compreensão da cidade e das pichações em suas relações com a memória.

Cidade e memória

Desde suas origens, a cidade está implicada na memória e no reconhecimento. Mesmo antes da memória escrita, tem-se conhecimento de inúmeros monumentos e templos que preservam a memória dos mortos e sustentam as lembranças dos povos que os construíram. Posteriormente, nas grandes civilizações da Antiguidade, com o advento da escrita, começam a ser criadas políticas de memorização, locais do lembrar, como bibliotecas e outros espaços cujos principais objetivos eram o de eternizar as conquistas da cidade.

Como um dos recursos contra a indiferença e a desterritorialização, sugerido por Menezes (2009), contamos com a memória e com a historicidade. Elas permitem que algo de cada um tenha lugar, permanência no tempo e espaço, apropriação de existência e suporte para a subjetividade. Para o autor, a memória da *pólis*, ou a memória na *pólis*, torna-se cada vez mais difícil de ser mantida nos dias atuais, em função de uma atmosfera de pressão excessiva e da turbulência imposta pelas megalópoles. Neste ponto da formulação do autor, reiteramos o quanto, para além da pressão excessiva imposta pelas megalópoles, o tema do apagamento da memória é um traço constitutivo das subjetividades brasileiras: extermínio dos índios, escravidão, ditaduras, entre tantos outros eventos traumáticos. Tais eventos carecem de lugares de memória com eficácia simbólica, pois são construídos por minorias e, portanto, não atingem parcelas expressivas da população. Esse processo produz lacunas significativas, que têm como consequência a impossibilidade de elaboração e, portanto, a repetição do traumático. Com a pandemia da covid-19, este tema tem sido retomado e acompanhamos diversas iniciativas para que se faça memória coletiva do que estamos vivendo e de quem perdemos.

Na implicação da cidade com a memória, alguns eventos e sujeitos ficam excluídos dessa chamada política de memorização e o reconhecimento acaba por não ser assegurado. Todavia, sabe-se da força pulsional, a pressão constante por ela exercida: se, por um lado, há o intenso trabalho de apagamento e desligamento, por outro, há resistência e pressão por encontro e reconhecimento. No enlace das pulsões, a vida se renova. Diante desse contexto, relembremos o marco inicial das pichações no Brasil como uma manifestação contra a ditadura, período onde a palavra era cerceada. Época onde a manifestação dos aspectos destrutivos dos seres humanos estava em cena, no palco principal. Por outro lado, surgem as escritas de rua, resistências ao silenciamento, nos muros das cidades.

Sobre as relações do Brasil com a memória, Rocha e Eckert (2003) postulam que as interpretações do Brasil como um país “sem memória” se encontram impregnadas do mesmo espírito reducionista e moralizador que inspiraram os mitos de implantação da civilização nos trópicos, criados a partir do olhar do colonizador europeu. As autoras nos incitam a compreender uma temporalidade específica do ser brasileiro, que se realiza independentemente de monopólios etnocêntricos sob os quais se centra a produção de saberes socialmente legitimados. Nesse sentido, talvez as *pixações*, com a marca brasileira do “x”, possam nos contar algo acerca de uma memória brasileira.

As pichações contêm em si algo do lembrar e do esquecer. As *tags* nos lembram que

sujeitos habitam a cidade das mais diversas maneiras. Ao percorrer alguns locais em Porto Alegre, por exemplo, podemos encontrar frases sobre acontecimentos políticos; símbolos como a baleia azul, que nos lembra o suicídio na adolescência; luta feminina, que nos diz sobre a igualdade de gênero e debates sobre o aborto; frases como “casa para todos” nos lembram que nem todos têm onde morar e a questão da desigualdade social, entre tantas outras lembranças que as pichações convocam. Ao mesmo tempo, essas lembranças são muitas, estão por toda a parte na cidade, e o excesso também nos impossibilita de olhar o detalhe, metabolizar e tentar dar outros sentidos, além do sentimento de destruição da cidade, do patrimônio, os chamados vandalismos. Interrogamos a especificidade desse lembrar nas paredes da cidade. Pode-se pensar como algo da ordem de um memorial?

Para Assman (citado por Endo, 2013), os denominados locais de memória, como locais estáticos por sua própria natureza física, apontam para a possibilidade de serem pensados como sujeitos. Os locais de memória seriam portadores de recordação e dotados de uma memória que ultrapassa a capacidade dos seres humanos. Para Endo (2013), os locais de memória exigem um deslocamento até seus arquivos, esperam em latência por aqueles que desejam lembrar. Este deslocamento até os memoriais revelaria um pacto renovado com a memória: se quisermos, podemos lembrar e, depois, podemos esquecer. Pode-se esquecer, não no sentido da eliminação dos vestígios, mas porque os memoriais ainda estarão lá, fisicamente insistentes e ancorados para nos fazer lembrar. Se pensarmos nas pichações como um memorial a céu aberto, este seria um problema. Não há opção de visita em um duplo sentido: por um lado, não posso escolher se quero entrar neste local, pois elas estão por toda parte e, mesmo que tente não olhar, não se olhar, é inevitável este encontro; por outro lado, não posso visitá-lo, pois memória demais leva também a um excesso, a uma impossibilidade de ver, de metabolizar.

Ainda sobre essa temática, Endo (2013) sugere que, no conjunto dos elementos da memória, permanece um lugar de mutismo que teríamos que obrigatoriamente reconhecer como aquilo que foi para sempre perdido. Trata-se daquilo que não pode ser recuperado, nem reparado, nem substituído. Nesse ponto, pensamos que desenvolver a temática do arquivo nos pode auxiliar. De acordo com Seligmann-Silva (2009), ao se falar em arquivo, deve-se levar em conta que toda inscrição se associa a um modo de leitura, de outra forma teríamos um arquivo literalmente morto. O autor, ao percorrer o pensamento de Walter Benjamin sobre a história, refere que, para o filósofo alemão, a sociedade e a história não se cristalizam em museus e parques temáticos. A história seria, por um lado, calcada no colecionismo (que tem por princípio arrancar seus objetos de um contexto para inseri-los dentro de uma nova ordem) e, por outro, seria inspirada no trabalho do catador (que se volta para o esquecido e considerado inútil).

Ao acompanhar o pensamento benjaminiano, podemos pensar que é nos restos e na rua que encontraríamos aspectos da memória da cultura. Há algo, portanto, que não aparece em forma de memorial, de museu, mas nos dejetos (como proposto anteriormente por Rocha e Eckert, 2003). E, por que não, nos muros, nas pichações? Caberia ao historiador, pesquisador e, acrescentamos, ao psicanalista encontrar e narrar essa história. Podemos pensar que nos muros há memória e esperança e que todos fazemos parte da cidade que lembra, sofre e deseja.

A partir do não-lugar ocupado pelas pichações, indicado pelo desejo de sua eliminação no imaginário social, assim como pelo excesso de sua inscrição (em todo-lugar), propomos pensar nas pichações como uma narrativa possível. Poderiam ser as pichações memórias fugazes de vozes não registradas nos arquivos históricos, mas que insistem em ecoar? Nas palavras de Benjamin (1940/2012), em *Sobre o conceito de história*: “[...] não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram? [...] Se assim é, então existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa” (p. 242).

Trata-se de registros instáveis acerca dos desejos e dos sofrimentos sociais, aspectos que compõem a história de qualquer lugar, simultaneamente tatuagens e cicatrizes na pele da cidade:

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (Calvino, 1990, p. 14).

A escuta urbana

Após este percorrido, retomemos uma de nossas interrogações diante das relações entre psicanálise e cidade: como o psicanalista, em sua condição de cidadão, opera na cidade? É possível uma escuta urbana? Como fazê-la? E, ao pensarmos na hipótese lançada acerca das pichações: como escutar essas vozes?

Ao retomar a história da psicanálise na rua no Brasil, percebe-se que esta é tão antiga quanto a história da psicanálise no país e cada vez mais vemos coletivos se formando: Psicanálise na Praça Roosevelt (SP), Psicanálise na Praça (RS), Escutando a cidade (SP) e tantos outros que se chamam Psicanálise na rua (MG, GO, DF). Ademais, a psicanálise tem-se inserido em outros locais para além do consultório, no campo do que se tem nomeado como extramuros. O psicanalista Jorge Broide (2019), que se vem dedicando há algum tempo no trabalho de escuta de território, nos diz que, na experiência clínica e na de intervenção urbana, é necessário “colocar o próprio corpo”. Colocá-lo para escutar os territórios da cidade, em uma escuta de braço, joelho, pés.

Tal escuta inclui uma série de passagens e de diferenças que se apresentam para além das palavras e com toda a força da transferência. Broide cita algumas: diferenças de classe, ideologia, ética, estética, segurança, arquitetura, alimentação, moda, cheiros, barulhos, sons, etc. Estes diversos termômetros da cidade explodem em nosso corpo como sensações, desejos, repulsa, curiosidade, medo, fascínio, calor, suor, etc. A partir dessas explosões, o autor formula a seguinte questão: como ser psicanalista nesse turbilhão de fatos e relações em um espaço sobre o qual não temos controle e que nos remete a uma situação de desamparo?

Reis (2020) observa que, quando pensamos na relação que estabelecemos com a cidade, podemos considerar como uma possibilidade aquela que vemos do alto e que se aproxima da perspectiva de um avião, a cidade-panorama. Neste enquadramento, a cidade é imóvel, isenta de cheiros, barulhos, violências, trânsitos, contato. Experimentamos um olhar que tranquiliza, pois há uma certa organização. Em contrapartida, a autora propõe pensarmos na cidade-habitada. Cidade que se faz cotidianamente e que possibilita outros textos e escrituras. Cidade não mais vista do lugar do *voyeur*, mas vivida do lugar do caminhante. Como ponto de partida de uma escuta urbana, para encontrar a cidade-habitada, como proposto por Reis (2020), pensamos na importância de colocar o próprio corpo e deixar que este seja atravessado pelo corpo da cidade. Em um primeiro momento, deixar-se habitar pelo urbano e se perder ao levar a atenção flutuante para passear. De acordo com o psicanalista Edson de Sousa (2011), a condição de perder-se não se resolve com a informação que orienta, mas com a possibilidade de narrar tal experiência. Nesse sentido, faz parte da escuta urbana pensada por nós antes habitar a cidade, depois narrar as reverberações das explosões de sensações sentidas no corpo-cidade.

No que concerne à escuta específica de pichações, por se tratar de imagens-textos, podemos formular algumas possibilidades. A relação entre imagens e palavras é complexa e não está isenta de tensionamentos. Além disso, imagens e palavras permeiam o encontro

psicanalítico, não só em situações limites da técnica psicanalítica clássica, como também na análise de sonhos. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) propõe o conceito de escrita pictórica ao utilizar o termo *Bilderschrift* para referir que o conteúdo do sonho, ou seja, as imagens visuais, precisam ser compreendidas como uma linguagem. Para Rivera (2011), a escrita pictórica diz respeito a imagens-significantes. A autora também retoma o que Freud escreve sobre os sonhos, onde estes não são tomados apenas como imagens alucinatórias, mas em suas relações com o visível e o dizível. Diante da natureza fugidia das imagens, é ao sonho contado que se pode ter acesso. Com este conceito, Freud nos diz algo acerca da técnica de como escutar imagens: fazer falar.

O que vai ao encontro da proposta do psicanalista Frayze-Pereira (2011) acerca de uma psicanálise implicada. De acordo com o autor, quando a psicanálise se aproxima da arte muitas vezes é no terreno da aplicação de seus conceitos sobre as obras, ao realizar interpretações que pretendem esclarecer uma verdade da obra ou de seu autor. Como proposta para sair desse círculo, o psicanalista propõe uma psicanálise implicada. Diante de uma obra, cabe ao analista investigar que efeitos ela produz nele mesmo e liberar no discurso o que disso lhe resultou. Nesse sentido, o psicanalista deve contar com as suas próprias associações e a interpretação que ele irá fornecer virá de uma relação viva entre a obra e aquele com o qual ela se confronta. A interpretação psicanalítica do que quer que seja implica o intérprete, é uma interpretação que não é exaustiva e tem uma dimensão de risco ao ser comunicada, pois o analista revela as falhas de sua leitura e os limites de sua escuta.

A partir do recorrido até então, podemos pensar que a escuta urbana proposta neste artigo envolve caminhar pela cidade, com o método do *flâneur*, e fazer associações, as mais livres possíveis, a partir do que o encontro com as imagens-texto (pichações) produz. Podemos pensar, portanto, que há uma dimensão das pichações em que é possível fazer uma leitura, tal como propõe Freud com o conceito de escrita pictórica. Esta leitura é implicada e singular, e diz respeito a tomar uma imagem como linguagem. Tal trabalho de linguagem é necessário ao propormos que estas imagens concernem ao coletivo, a aspectos conflituosos da cultura. Assim sendo, as pichações também estariam do lado dos não-ditos de uma sociedade, do que é difícil reconhecer.

Como propõe o historiador da arte Didi-Huberman (2012), as imagens fazem parte das invenções que criamos para registrar nossos temores e nossas próprias consumações. Não seria possível, portanto, opor as imagens e as palavras, os livros de imagens e os livros de escrita. Cada vez que olhamos para uma imagem, deveríamos pensar nas condições que impediram seu desaparecimento. De acordo com o autor, as imagens são um aspecto da história, não são individuais, mas coletivas e, portanto, ao se trabalhar com imagens, estamos trabalhando com restos, com cinzas da história, o que tragicamente sobreviveu a uma experiência cultural.

Apesar de discorrermos acerca de um método que possibilite nos conectarmos com as pichações como imagens que falam, reconhecemos que há outra dimensão a ser circunscrita: os limites da escuta. Antes de pensarmos sobre o que as pichações nos poderiam falar sobre a cultura, essas figuras enigmáticas nos capturam em um misto de rechaço e curiosidade. Tais afetos também circulam na cultura, tendo em vista que há no discurso social a definição das pichações como um ato de vandalismo. Em contrapartida, diversos trabalhos acadêmicos se propõem a pensá-las. Nesse sentido, podemos, em parte, defini-las como imagens que fascinam, que seduzem. Se, por um lado, como abordamos anteriormente, reconhecemos a dialética entre o visível e o dizível, que nos leva a pensar nas pichações como escrita pictórica, acreditamos ser imprescindível também discorrermos sobre os limites de sua escuta, a partir do conceito de objeto *a*, tal como desenvolvido por Lacan (1964/2008).

Para apreendermos a concepção de objeto *a* de Lacan, aproximar-nos-emos da temática do olhar. De acordo com Quinet (2002), a partir da psicanálise, foi possível retomar

a atividade do olho não só como fonte de visão, mas também como fonte de libido. Foi Lacan (1994/2008) quem mais desenvolveu esta temática, ao destacar que o olhar não faz parte dos sujeitos, mas dos objetos, sendo o objeto específico da pulsão escópica. E o que podemos pensar desse objeto? O olhar é um objeto que promove brilho, interesse e fascínio no mundo da visão, também é um objeto de gozo inapreensível pelo eu. Não podemos pensar no olhar como um objeto passivo da percepção do sujeito, mas como um objeto ativo por meio do qual somos subvertidos. Ao mesmo tempo em que o objeto olhar é causa de jubilação, também é objeto de angústia impossível de suportar (Quinet, 2002). O olhar, para a psicanálise, é pulsional.

Sobre o objeto *a*, este não faz parte do campo da realidade, ou seja, suas modalidades de objeto oral, objeto anal, olhar e voz não são percebidas: não são vistas, ouvidas, sentidas, tocadas, nem provadas. O objeto *a* causa o desejo, mas também causa a angústia. É de forma velada que o objeto *a* desempenha seu papel no campo da realidade. Do espetáculo do mundo, vem um olhar que me olha e que eu não vejo, embora me sinta afetada por ele. Sendo assim, podemos pensar que, na relação entre visível e invisível, há algo que nos escapa e nos afeta sem sabermos como nem por quê. Seriam as pichações uma manifestação do objeto *a*, no sentido de serem causa de desejo (de ver) e causa de angústia (de ter visto)?

Entendemos que o que nos escapa nestas imagens, que concerne ao objeto *a*, ao pulsional que é convocado na rua (como descrito anteriormente por Zygouris, 2013), ao mesmo tempo que nos faz uma exigência de trabalho, também nos mostra os limites de nossa escuta. O que faz com que a escuta urbana se mantenha sempre aberta a outras singularidades, já que um resto sempre fica, algo de não pensado, não escutado, não analisado, algo no qual somos capturados.

Considerações finais

Após termos apresentado algumas relações entre psicanálise e cidade, chegamos na hipótese de que as pichações consistiriam em memórias fugazes de vozes que não estão registradas nos arquivos históricos oficiais de uma cultura. Para escutar essas vozes e outras reverberações que ecoam na cidade, formulamos um possível método de escuta urbana, que envolve uma psicanálise implicada e os conceitos de escrita pictórica e de objeto *a*.

No final deste artigo cabe-nos, entretanto, trazer a questão da ética de pesquisa. Parece-nos imprescindível não colonizar, psicanaliticamente, a cidade, mas construir narrativas a partir do encontro com ela. Além disso, diante da multiplicidade de vozes que ecoam na cidade (e de possíveis caminhantes-pesquisadores), torna-se importante pontuarmos que um método de escuta urbana seja algo singular, fruto de um encontro entre a subjetividade de quem anda pela cidade com o que recolhe no caminho para pensar na cultura. Assim como refere Frayze-Pereira (2011), a dinâmica da psicanálise implicada encontra algo do comum com a clínica ao trabalhar com a manifestação singular da obra em relação ao espectador.

Para cada paciente, para cada sessão, tem-se uma interpretação adequada ao momento. Nesse sentido, há uma construção discursiva singular, simultaneamente ilusória e verdadeira, e, principalmente, válida para a dupla em questão. Dessa maneira, a psicanálise escapa de ser uma repetição ao infinito daquilo que teoricamente já se sabe. Reis (2020) também se refere a algo parecido ao assumir a *flanerie* da escrita. Ao ter como objeto de pesquisa a cidade, a autora refere que escrever não é somente registrar e refletir sobre as características de uma cidade; trata-se, antes, de construir uma imagem da própria cidade.

Trilhar um percurso é sempre uma ação singular. Esta é a nossa proposta de cartografia para operar com a psicanálise na cidade, a partir de pichações. Desejamos que

cada leitor possa recolher no urbano o que o captura e instiga, para ampliarmos as possibilidades de escutar os não-ditos do contemporâneo que possam estar escondidos nos meandros das cidades.

Referências

- Benjamin, W. (2012). Sobre o conceito da história. In W. Benjamin, *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política* (S. P. Rouanet, trad., 7a ed., pp. 222-232). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1940)
- Broide, J. (2019). A clínica psicanalítica na cidade. In E. Broide & I. Katz (Orgs), *Psicanálise nos espaços públicos* (pp. 48-65). São Paulo: IP/USP.
- Caló, F. (2005). Questões etimológicas sobre os termos: grafite e pichação. In: *Anais do III Fórum de pesquisa científica em artes*. Recuperado de: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/flavia_callo.pdf
- Calvino, I. (1990). *As cidades invisíveis* (Diogo Mainardi, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Canevacci, M. (2005). *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Chnaiderman, M. (2003, jan. 19). Rua: espaço de diversidade e criação. *Folha de S. Paulo* [online]. Recuperado de: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1901200309.htm>
- Costa, G. (2020, ago. 28). *Intervenções na cidade* (comunicação online apresentada no III Encontro de Psicanálise em Espaços Públicos). Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=8hKOxxzgnPw>
- Didi-Huberman, G. (2012). Quando as imagens tocam o real. *Pós*, 2(4), 204-219.
- Endo, P. (2013). Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento. *Revista USP*, 98, 41-50. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i98p41-50>
- Farinon, S. (2015). *O processo de urbanização de Porto Alegre e suas consequências sobre a formação das sub-habitações da cidade*. Monografia (Especialização em Engenharia Urbana). Rio de Janeiro: Escola Politécnica da UFRJ.
- Frayze-Pereira, J. A. (2011). *Arte e dor: inquietudes entre estética e psicanálise*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Freud, S. (1996). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 233-269). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Paulo César de Souza, trad., Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930)
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Paulo César de Souza, trad., Vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1900)
- Gaúcha Z. H. (2017). *Câmara de Porto Alegre aprova projeto que fixa multa para pichadores em mais de R\$10 mil*. Recuperado de: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/06/camara-de-porto-alegre-aprova-projeto-que-fixa-multa-para-pichadores-em-mais-de-r-10-mil-9816523.html>

- Githay, C. (1999). *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1964)
- Menezes, L. C. (2009). Memória e reconhecimento: entre aglomerados e a pólis. In B. Tanis & M. G. Khouri (Orgs), *A psicanálise nas tramas da cidade* (pp. 79-87). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Queiroz, C. (2018). Entre transgressão e arte. Pesquisa Fapesp, 269. Recuperado de: <https://revistapesquisa.fapesp.br/entre-transgressao-e-arte/>
- Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Reis, C. D. (2020). Entre o voyeur e o caminhante: perspectivas na produção de conhecimento e de cidades. In N. Guareschi, C. D. Reis & O. H. Hadler (Orgs), *Produção de conhecimento: profanação do método na pesquisa* (pp. 137-154). Porto Alegre: Abrapso.
- Rivera, T. (2011). *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rocha, A. L. & Eckert, C. (2003). *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Rodríguez, C. (2016). *Lo insoportable en las instituciones de protección a la infancia*. Montevideo: Azafrán.
- Seligmann-Silva, M. (2009). Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do mal de arquivo. *Remate De Males*, 29(2), 271-281.
- Silva, E. L. (2010). *A gente chega e se apropria do espaço! Graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Sousa, E. (2011). Por uma cultura da utopia. *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, 12. Recuperado de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8907.pdf>
- Stucchi, B. H. P. et al. (2009). Os lugares e o ato analítico – a cidade entre a pólis e a aglomeração. In B. Tanis & M. G. Khouri (Orgs.), *A psicanálise nas tramas da cidade* (pp. 89-102). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tanis, B. (2009). Cidade e subjetividade. In B. Tanis & M. G. Khouri (Orgs.), *A psicanálise nas tramas da cidade* (pp. 17-29). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tavares, A. (2010). Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. *ARS*, 8(16), 21-30. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-53202010000200002>
- Zygouris, R. (2013). A escola da rua. In E. Duvidovich (Org), *Diálogos sobre formação e transmissão em psicanálise* (pp. 50-65). São Paulo: Zagodoni.

Notas:

¹ O termo pichação origina-se no elemento complementar pich-, do inglês pitch (piche, breu); este elemento se desenvolveu desde o século XVIII. O verbo pichar (pich + ar) surgiu no século XX. Pode-se afirmar, no entanto, que o uso do termo pichar, no contexto da escrita urbana, é brasileiro, assim como a grafia com “x” (Caló, 2005).

Citação/Citation: Borges, A. L. G. Weinmann, A. O. (2023). *Pichações: memórias fugazes*. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XV, no. 2.), pp. 52-64.

Recebido em: 11/02/2022
Aprovado em: 24/06/2023